

OS LUGARES DE RACHEL DE QUEIROZ: GEOGRAFICIDADE E PATRIMÔNIO

Tiago Vieira Cavalcante

Doutorando em Geografia – UNESP / Rio Claro
tiagogeografia@yahoo.com.br

RESUMO

Neste trabalho relacionamos escritos de e sobre Rachel de Queiroz (1910-2003) com documentos oficiais vinculados à preservação/conservação de lugares importantes para a escritora e para a sociedade. Nosso intuito é o de demonstrar como a experiência e o afeto são elementos importantes para a valoração e patrimonialização dos lugares. Tomamos como exemplos o sítio do Pici, o município de Quixadá e a Fazenda Não Me Deixes, lugares que hoje, além de guardarem a memória de uma escritora que invariavelmente celebrou sua terra e sua gente, conservam/preservam parte importante da natureza e da cultura do Ceará.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Pici; Quixadá; Não Me Deixes.

RACHEL DE QUEIROZ'S PLACES: GEOGRAPHICITY AND HERITAGE

ABSTRACT

In this work we relate writings by and about Rachel de Queiroz (1910-2003) with official documents bound to the preservation/conservation of important places to the writer and the society. Our aim is to demonstrate how the experience and the affection are important elements to the places and heritages. We use as examples the Pici small farm, the municipality of Quixadá and the Não Me Deixes farm, places that today, besides to hold the memory of a writer who invariably celebrated his land and his people, conserve/preserve an important part of nature and culture of Ceará.

Keywords: Geography; Literature; Pici; Quixadá; Não Me Deixes.

Recebido em 26/05/2014
Aprovado para publicação em 28/10/2014

O AMOR PELA TERRA

Essa ligação de amor que o nordestino tem com a sua terra... Pensando bem, será mesmo de amor? Ou antes: será *só amor*? Talvez maior e mais fundo, espécie de mágica entre o homem e o seu chão; a simbiose da terra com a gente. Vem na composição do sangue. Aquela terra salgada que já foi fundo do mar tem mesmo o gosto do nosso sangue (QUEIROZ, 1993a, p. 19).

Para a geografia, o sentido de lugar é revelador das experiências humanas, das relações topofílicas ou topofóbicas que se dão no cotidiano. É aquele que mais aproxima a geografia do mundo vivido (*lebenswelt*) husserliano e mesmo do ser-aí (*dasein*) heideggeriano, pois expressa a relação essencial entre o Homem e a Terra.

Para Tuan (2013), o lugar é um repositório de sentidos, onde valores são estabelecidos e podem adquirir profundo significado ao longo dos anos. O tempo, portanto, é elemento essencial para a significação de um lugar. Oliveira (2012, p. 03) reforça a relação entre o lugar e o tempo quando escreve: “O sentido de lugar implica o sentido da vida e, por sua vez, o sentido do tempo”.

Na epígrafe, Rachel parece dialogar com Tuan, ao prosear sobre o amor do nordestino por sua terra, da relação entre o homem e o seu chão, que Dardel (2011) chamou de geograficidade (*géographicité*). Assim, tanto Tuan, como Dardel e, num contexto particular, Rachel, falam do lugar como algo que é inerente à vida do ser humano, lhe é indelével e “vem na composição do sangue”.

O lugar também pode ser compreendido como “centro do mundo”, representando algo para uma pessoa ou para uma comunidade em consequência de seu valor simbólico. Comumente esses lugares são tomados como patrimônios, porque o aspecto imaterial que os compõem é importante para a sua valoração, mesmo que não sejam tombados por uma instituição governamental. Relph (2012) indica o quanto o surgimento de interesse pelo lugar na contemporaneidade também está relacionado ao interesse na preservação do patrimônio. Isso, porque “Ser dono de valor simbólico no contexto da sociedade que o produziu é a condição essencial para a existência do patrimônio, pois, é justamente o caráter simbólico da memória que perpetua determinada fração do tempo no espaço” (CASTRO, 2007, p.19).

As experiências que Rachel de Queiroz (1910-2003) teve em diferentes lugares demonstram sua forte ligação com eles. Hoje, alguns desses lugares foram transformados em patrimônio cultural e/ou natural e, além de guardarem a memória de uma escritora que invariavelmente celebrou sua terra e sua gente, conservam/preservam parte importante da natureza e da cultura do Ceará.

CASA DE RACHEL DE QUEIROZ

O sítio do Pici, definitivamente, foi um importante lugar para Rachel de Queiroz. “Tinha açude, pomar, baixio de cana, num vale fresco e ventilado, para os lados da lagoa de Parangaba. Só que nesse tempo se dizia Porangaba, tal como fala José de Alencar em *Iracema*” (QUEIROZ e QUEIROZ, 1998, p. 77). Lá ela viveu momentos de grande alegria com sua família, escreveu alguns de seus mais importantes livros (a exemplo de *O Quinze* e *João Miguel*), casou com José Auto, seu primeiro marido, e pouco depois teve sua primeira e única filha, Clotildinha.

Talvez, na mesma medida, possamos dizer que o sítio também representou momentos de tristeza para a família, pois foi lá, por exemplo, que morreu Flávio, um dos irmãos da escritora, de septicemia. A partir daí, como revela a própria Rachel, tudo ficou amargurado, principalmente para sua mãe, Clotilde, que custou muito a se recuperar desse golpe. Enfim, incomodada com o crescimento da cidade de Fortaleza a qual começava a cercar o sítio, ameaçando a segurança da casa, sua mãe o vendeu e se mudou para o Rio de Janeiro, em 1952, juntamente com sua filha mais nova, Maria Luíza (QUEIROZ e QUEIROZ, 1998).

Desde então o sítio pouco fora mencionado por Rachel; os exemplos que temos é o de uma crônica de nome *Pici*, escrita no ano de 1975 e publicada em um dos seus livros de crônicas, *O Homem e o Tempo*, e o de um capítulo no livro *Tantos Anos* denominado de *O sítio*, que recupera muito do que foi apresentado na referida crônica.

Somente em meados dos anos 2000, depois de ouvir as lembranças e estórias de Rachel, as quais foram reunidas em uma biografia sobre a escritora (ACIOLI, 2007), Socorro Acioli resolveu procurar a casa. Assim ela conta a sua empreitada:

Em nosso último encontro, Rachel falou para mim que a casa onde ela escreveu *O Quinze*, em 1929, deitada no chão com suspeita de tuberculose, ainda existia. Ela ainda me disse mais ou menos como chegar lá. Passei três dias procurando, seguindo as indicações (ACIOLI, 2005, p. 38).

Não percebi que as referências traçavam o mapa da lembrança daquela Fortaleza dos anos 30, tão viva na memória de Rachel de Queiroz, tão apagada pela amnésia crônica de que sofrem os seus conterrâneos. O bairro estava completamente diferente, agora chamava-se Henrique Jorge. Uma vez que eu não tinha uma referência atual de endereço, nome de rua, número, nada, o método de busca que escolhi foi seguir duas pistas da natureza: os restos do açude e os quatro pés de *Ficus Benjamim* plantados por sua mãe, Dona Clotilde.

[...] Foi com surpresa e espanto que, ao dobrar na Rua Antônio Ivo, avistei as quatro árvores, agora de troncos gigantescos, raízes fortes, expostas e copas frondosas. Duas delas estão no meio da rua, imponentes. A partir desse momento deixei de chamar aquele lugar de sítio do Pici e o rebatizei de casa dos benjamins (ACIOLI, 2010, p. 173).

Atualmente, a casa do Pici, chamada por Acioli de casa dos benjamins, no entanto hoje mais conhecida como **Casa de Rachel de Queiroz**, está localizada na Rua Antônio Ivo, 290, no bairro Henrique Jorge, na cidade de Fortaleza – CE (Figura 01). O que fora um dia um sítio, hoje está bastante diferente; o açude, o pomar, a plantação de cana, as mangueiras não existem mais, só lhe restaram os grandes pés de benjamim. De todo modo, a “descoberta” feita por Acioli, propiciou novos tempos para a velha casa.

Figura 01. Casa de Rachel de Queiroz e os pés de benjamim.



Fonte: CAVALCANTE, T. V. (2014).

Na data de 11 de janeiro de 2006, pelo decreto de número 11.965, a casa é tombada *provisoriamente* pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (FORTALEZA, 2006). O argumento para esse tombamento foi o valor simbólico e histórico-cultural que ela representa para os munícipes da cidade. Somente em 2009, considerando o parecer elaborado por uma comissão de avaliação com membros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza – FUNCET e da Universidade Federal do Ceará – UFC é que a referida casa é tombada *definitivamente*, pelo decreto de número 12.582 de 15 de outubro de 2009 (FORTALEZA, 2009). Notemos alguns aspectos que a comissão de avaliação levou em consideração para o tombamento da Casa de Rachel de Queiroz:

Pelo que se observa a edificação em tela não apresenta linha arquitetônica marcante que justifique a pretensão de tombamento. Porém, se o viés das

concepções materiais não permite defesa cabível para a preservação do bem, o mesmo não se pode dizer quanto à sua natureza imaterial. É que a noção de bem cultural para efeito de tombamento ganhou nos últimos anos outras dimensões. Além do valor histórico, podemos agregar ao bem edificado, os **valores de referências**, filiados ao conceito de **patrimônio afetivo**. Não se trata aqui de dissociar a natureza *material* da natureza *imaterial* do bem cultural, mas, antes de tudo, estabelecer as suas afinidades no sentido de determinar a potência das razões intangíveis que levam ao tombamento do bem construído considerando os **valores simbólicos** (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2009, grifos do autor).

Não fomos nós que destacamos as palavras na citação, contudo bem poderia ter sido, pois, quando a comissão de avaliação escreve sobre *valores de referência*, *patrimônio afetivo* e *valores simbólicos*, em realidade, ela está tratando de elementos basilares para o sentido de lugar. Poderíamos dizer que os valores referenciais são aqueles que estão vinculados à memória, às lembranças de quem habitou no lugar, valores que o constituem como um patrimônio afetivo. Esse afeto, quando relacionado aos acontecimentos que se deram ali, revela o valor sentimental que a casa comporta e implica na valoração simbólica da mesma. Para Rachel, certamente, esses valores com relação à sua antiga casa estavam subentendidos.

É importante ressaltar que no processo de tombamento da casa é prevista a criação de um parque que possibilitará a manutenção dos recursos hídricos e da vegetação de todo o perímetro composto pelo riacho e a vegetação ali existente (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2007).

As palavras de Ana Carla Sabino Fernandes, historiadora responsável pela sinopse histórica da Casa de Rachel de Queiroz, resume bem a importância do lugar e sua relação com a vida e a obra da escritora:

Cúmplice dos sentimentos, da indignação e dos lances de inspiração da nossa querida escritora, essa Casa é como um livro sem censura que deve ser lido, admirado, soletrado, apalpado e guardado, melhor, preservado como elemento de materialidade para o patrimônio histórico e cultural de nossa cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2007, p. 06).

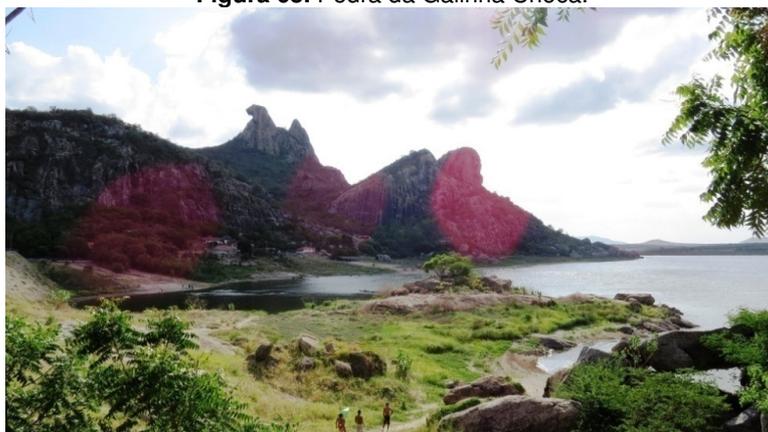
MONUMENTO NATURAL DOS MONÓLITOS DE QUIXADÁ

Outro lugar também muito amado por Rachel era Quixadá. De Fortaleza a Quixadá são cerca de 160 quilômetros e logo que nos aproximarmos do município, visualizamos o “curral de pedras” que o caracteriza. Formações graníticas de diferentes formatos denominadas de monólitos ou serrotes (Figura 02), geomorfologicamente conhecidos por *inselbergues* (do alemão, monte-ilha ou ilha de pedra), que têm como representante ilustre a *Pedra da Galinha Choca* (Figura 03).

Figura 02. Monólitos de Quixadá.



Fonte: CAVALCANTE, T. V. (2014).

Figura 03. Pedra da Galinha Choca.

Fonte: CAVALCANTE, T. V. (2014).

São elevações ilhadas que aparecem em regiões de clima árido quente e semiárido como produtos de pediplanação (processo de aplainamento de superfícies extensas submetidas a climas áridos quentes e semiáridos) e cuja evolução se faz em função de um sistema de erosão com o clima (GUERRA, 1966).

Aziz Ab'Saber (1985) relata que essas formações possuem o mesmo significado paisagístico dos pontões rochosos e dos pães-de-açúcar que caracterizam os morros florestados do Brasil tropical atlântico (Rio de Janeiro, Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais) e sugere o quanto essas paisagens podiam ser mais bem preparadas para receber a atenção do país inteiro, principalmente quando ocorre a associação entre esses pontões rochosos e massas d'água de açudes públicos (AB'SABER, 2007).

Só por essas características o conjunto de monólitos de Quixadá já poderia ser tomado como um lugar de grande importância. Entretanto, a partir do estudo feito pelo IPHAN (2001) e do trabalho de BEHR (2007), podemos enumerar outras características de igual relevância como: a particular flora nativa; a grande quantidade de sítios arqueológicos e paleontológicos; o potencial turístico com base no turismo ecológico e no turismo de aventura e; a riqueza cultural.

Quixadá também é o lugar dos profetas da chuva, sertanejos que aprenderam a prever o tempo observando o comportamento da natureza e dos animais, e de personagens ilustres como o cantor Cego Aderaldo (Aderaldo Ferreira de Araújo) e a escritora, fortalezense, mas de coração quixadaense, Rachel de Queiroz (BEHR, 2007).

Ainda pequena, com apenas 45 dias de vida, Rachel muda-se com seus pais para uma das propriedades da família em Quixadá, a fazenda do Junco. Para Acioli (2007), lugar onde foram plantadas as raízes afetivas da escritora. Vale dizer que foi uma solicitação de Rachel que motivou o tombamento do conjunto de monólitos:

O presente estudo foi motivado pelo pedido de tombamento, "do complexo paisagístico formado pelos *inselbergs* - serrotes de Quixadá", solicitado pela escritora cearense e membro da Academia Brasileira de Letras, a imortal Rachel de Queiroz, cuja vida e obra têm por origem o cenário e a paisagem em questão (IPHAN, 2001, p. 05).

Em crônica de 29 de janeiro de 1992, denominada *Um Parque Nacional dos Serrotes do Quixadá* e publicada no seu livro *As Terras Áspers*, a escritora chama a atenção para a ameaça que o crescimento da cidade e a exploração desordenada do granito podem proporcionar para aquela paisagem:

Há que encaminhar o crescimento urbano para fora da urbe. Mesmo porque a vizinhança dos serrotes não é propícia à vida urbana; nas horas quentes do dia, na proximidade das pedras, banhadas de sol, há um acúmulo de calor. E também na infinidade de cavidades de vários tamanhos que se enchem de água na estação chuvosa, abrigam nuvens das temíveis muriçocas (ou pernilongos) que

obrigam a se dormir embaixo de mosquito, como no Amazonas. Com a única vantagem que as nossas muriçoquinhas são inocentes, não passam malária, nem dengue, nem febre amarela, como as lá do Norte.

[...] Um perigo em que se deve pensar é a exploração comercial do granito, que já é uma das fontes de renda do município e precisa ser disciplinada e fiscalizada. É um granito excelente o dos *inselbergs*, e representa uma renda significativa nesta região de riqueza tão dependente das oscilações climáticas (QUEIROZ, 1993b, p. 193).

Diante disso, é instituído pelo Governo do Estado do Ceará o **Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá**, pelo decreto de número 26.805 de 25 de outubro 2002 (CEARÁ, 2002). Unidade de Conservação de Proteção Integral que sob a responsabilidade da Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará – SEMACE visa a preservar os elementos cênicos e os valores ecológicos e turísticos ali existentes. Em 2004 a área foi tombada pelo IPHAN, como patrimônio nacional e mais recentemente, em 2010, Quixadá se tornou membro da Associação Mundial das Montanhas Famosas, entidade que reúne montanhas turísticas e parques naturais de montanhas no mundo todo, compartilhando experiências de desenvolvimento econômico, turístico e ambiental (FAHEINA, 2010).

Essas medidas e intenções são de grande importância para a preservação/conservação de Quixadá. Podemos compreender não somente a importância dos monólitos, mas também de todo um conjunto de manifestações naturais e culturais que caracterizam o lugar, representando e nos apresentando a inextricável relação existente entre o homem e o seu meio. A vida e a obra de Rachel de Queiroz de certa forma nos oferecem esse exemplo de relação. Quixadá lhe é imanente e hoje presta as devidas homenagens à escritora que não só apresentou ao mundo sua amada terra, como também reivindicou para ela os cuidados necessários. Exemplos disso são o Centro Cultural e o Memorial Rachel de Queiroz (Chalé da Pedra), localizados no centro da referida cidade (Figura 04).

Figura 04. Centro Cultural e Memorial Rachel de Queiroz.



Fonte: CAVALCANTE, T. V. (2014).

Por fim, fiquemos com as palavras do emérito geógrafo Aziz Ab'Saber que ao tempo que desvelou a geografia da paisagem cearense, reconheceu nela o que havia de mais belo:

Pessoalmente, de todas as faixas do litoral brasileiro, o lugar de que mais gostei foi o litoral do Ceará – sem falar no sertão do estado, que percorri inteiro. O Ceará está no meu coração: sempre digo brincando que, se não tivesse nascido na minha querida São Luiz do Paraitinga, queria ser de Quixadá... (AB'SABER, 2009, p. 134).

RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN) FAZENDA NÃO ME DEIXES

A Fazenda Não Me Deixes é bem mais que um ponto encravado no meio da paisagem granítica de Quixadá. Para Rachel de Queiroz era o lugar onde passava as temporadas invernais, tempo de mata vestida e fartura no sertão; um refúgio para os momentos alegres e

tristes: “Por mim eu digo: toda vez que o destino me fere mais duro, me maltrata mais fundo, é para lá que eu fujo” (QUEIROZ, 1993a, p. 19).

Ainda menina, um episódio marcaria sua vida e estabeleceria, definitivamente, sua eterna ligação com Quixadá e mais especificamente com o Não Me Deixes. Certo dia, nos idos de 1920, seu pai, Daniel, mandou selar o seu cavalo, “Kaiser” e o alazão da pequena Rachel, então com dez anos de idade. Fizeram um passeio até o Não Me Deixes, quando ele lhe falou: “Vou levá-la a um lugar onde você vai situar a sua fazenda”. Rachel então disse: “Você vai me dar esta fazenda? Pois vou fazer minha casa aqui”. E Daniel lhe aconselhou que fizesse a casa perto do açude, próximo a um bosque de angicos (Figura 05). Disse para que fosse construída virada para o nascente com o curral distante, pois assim não atrairia moscas e a água suja de estrume não correria para o açude (QUEIROZ e QUEIROZ, 1998; ACIOLI, 2007; MONTENEGRO, 2010).

Figura 05. Casa da Fazenda Não Me Deixes.



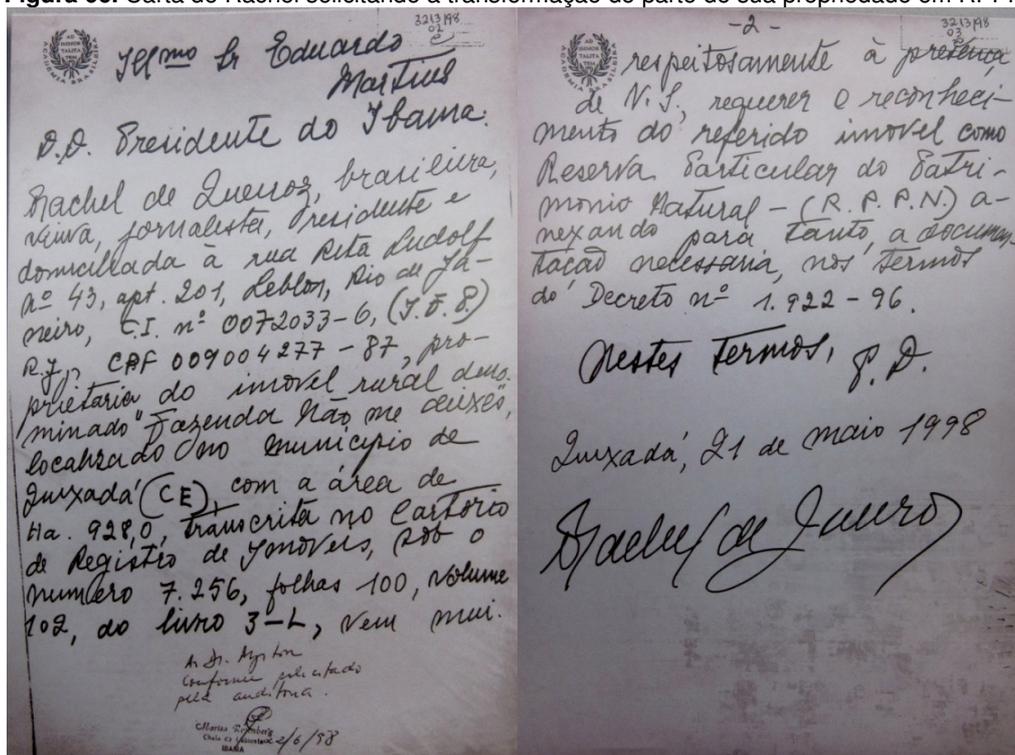
Fonte: CAVALCANTE, T. V. (2014).

A fazenda já possuía esse nome antes de Rachel deixá-la conhecida mundo afora. Quem deu o nome foi Miguel, seu tio-bisavô, que comprou a fazenda e colocou um sobrinho para morar nela. Este sobrinho, que tinha o sonho dourado da borracha no Amazonas, acabou vendendo a fazenda e mudou-se para lá. Sabendo disso, Miguel comprou a fazenda de volta do comprador. Oito anos se passaram e o sobrinho voltou doente e sem dinheiro, assim Miguel lhe legou o mesmo pedaço de terra, mas sob a condição de não sair mais de lá. A partir de então, a fazenda passou a se chamar Não Me Deixes (FONTES, 2012).

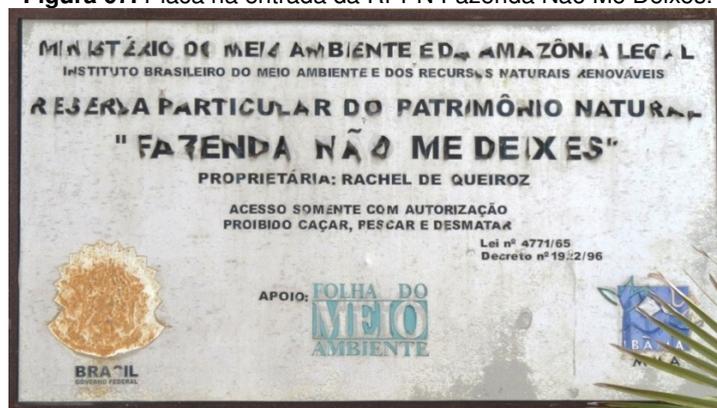
Certamente, o afeto de Rachel pelo lugar Não Me Deixes foi um dos motivos para a sua preservação. É pelas mãos da escritora, pois a criação de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN é ato voluntário, que é criada a **RPPN Fazenda Não Me Deixes** (Figura 06). Em carta ao presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA da época, Eduardo de Souza Martins, ela expõe o interesse pelo reconhecimento de sua fazenda.

De fato, parte da fazenda Não Me Deixes, 300 hectares de um total de 928, é reconhecida pelo IBAMA como RPPN a partir da portaria N°37-N, de 16 de abril de 1999 (IBAMA, 1999). Cabe dizer que a partir de 2007 é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio que executa as ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as Unidades de Conservação instituídas pela União. Hoje, logo na entrada da fazenda podemos visualizar a placa do lugar que serviu de modelo para o primeiro censo de fauna e flora do bioma caatinga (Figura 07).

Behr (2007), a partir do laudo de vistoria técnica das condições ambientais da fazenda, realizada pelo engenheiro florestal do IBAMA no Ceará, José Antônio Vasconcelos de Sá, cita que a tipologia florestal característica da Não Me Deixes é a caatinga arbórea densa, típica da região semiárida, ainda natural e bem conservada, com ocorrência de pau-branco, pau-branco louro, catingueira, jurema-preta, imburana, juazeiro, angico, aroeira e frejorge (Figura 08).

Figura 06. Carta de Rachel solicitando a transformação de parte de sua propriedade em RPPN.

Fonte: BEHR (2007, p. 288-289).

Figura 07. Placa na entrada da RPPN Fazenda Não Me Deixes.

Fonte: CAVALCANTE, T. V. (2014).

Figura 08. Exemplo da mata existente na Fazenda Não Me Deixes.

Fonte: CAVALCANTE, T. V. (2014).

Rachel também contribui para nosso conhecimento e afeição sobre a natureza sertaneja presente em sua fazenda na crônica *Os Passarinhos*, do seu livro *O Homem e o Tempo*, onde escreve sobre os cantos dos vários pássaros que “passeiam” por lá, como a graúna de canto cristalino que pousa debaixo de sua janela ou dos canários, “cantores líricos”, que fazem ninhos no frechal de sua casa. Cita ainda, ao tempo que fala dos diferentes tons de suas cantorias, o cabeça-vermelha (galo-de-campina), o rouxinol (garrincha), a rolinha fogo-pagou, a juriti, o bem-te-vi, o sabiá, o corrupeirão, o vem-vem, o abre-fecha, o papa-arroz, o pai-luis, o canção, a coã (acauã) e a mãe-da-lua. “Ah, são muitos passarinhos. E sempre tem um cantando, as mais das vezes nem se identifica qual é” (QUEIROZ, 1995b, p. 66-68).

No ano de 2000, a escritora teve a honraria de receber em sua fazenda uma delegação do IBAMA que tinha como objetivo soltar 207 pássaros, entre os quais graúnas, corrupeirões, canários-da-terra, sabiás, um azulão, seis caboclinhos e cinquenta e um periquitos, entre outros.

Acho que mereci essa honraria, pois sempre foi preocupação minha, desde menina, soltar passarinho. Verdade que é meio arriscado: os donos dos passarinhos são capazes de tudo contra alguém que libere as suas presas. Mas a alegria de ver voando um pássaro, antes confinado a uma gaiola, paga todos os riscos de represálias.

Para mim, o mais importante foi essa reputação que está ganhando a fazenda.

Não Me Deixes de área livre para passarinhos, santuário deles. Todos os pássaros apreendidos naquele sertão podem ser deixados no Não Me Deixes, pois que lá, como diz o jornal, ‘é a única Reserva Particular de Patrimônio Natural existente na Região’ (QUEIROZ, 2000).

O AMOR DEIXA MARCAS

Antes mesmo de serem instituídos como patrimônios, os lugares são apropriados pelas pessoas. É neles que estas vivem e convivem com os seus próximos e a natureza particular que os circunda. Assim, cotidianamente, construímos laços topofílicos que reforçam nossa relação inextricável com o lugar. É lógico que nem todo lugar é instituído como patrimônio, isso não quer dizer que, por isso, os lugares deixam de ser importantes para as pessoas que ali nasceram e/ou ali vivem.

O que vimos neste trabalho, a partir de alguns escritos e relatos da escritora cearense Rachel de Queiroz, é que a experiência e o afeto são elementos importantes para a valoração e a patrimonialização dos lugares. A partir dos escritos e relatos de Rachel, também podemos afirmar que, somente quando nos sentimos parte de um lugar, quando o que vivemos nele é importante para a nossa história e geografia, é que compreendemos e reivindicamos o real valor que ele possui. Assim, o amor que nutrimos pelos lugares pode deixar marcas e essas marcas podem ser denominadas, no nosso caso, de patrimônios, porque lugares reconhecidamente importantes para a sociedade do qual fazem parte.

Enfim, não podemos entender a Casa de Rachel de Queiroz, o Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá e a RPPN Fazenda Não Me Deixes apenas pelos seus aspectos materiais, físicos... geométricos. As experiências de Rachel preenchem esses lugares de sentimentos e afetividade e nos apresentam uma geografia que tem cor, espessura e profundidade... geograficidade. Hoje, essa paixão por sua terra e sua gente não está preservada somente em suas obras, mas também nos lugares dos quais tanto falou, escreveu e cuidou.

AGRADECIMENTO

Esse trabalho tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

REFERÊNCIAS

AB’SABER, A.N. Os Sertões: a originalidade da Terra. **Revista Ciência Hoje**, v.3, n.18. Rio de Janeiro, p. 42-49, 1985.

_____. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento à Cynara Menezes. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ACIOLI, S. **A Casa dos Benjamins**. São Paulo: Editora Caramelo, 2005.

_____. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

_____. Das palavras sob as telhas da velha casa. In: COUTINHO, Fernanda (org.). **Rachel de Queiroz**: uma escrita no tempo. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 169-182, 2010.

BEHR, M. **Quixadá**: terra dos monólitos. São José dos Campos: Somos Editora, 2007.

CASTRO, C.R.A. **Patrimônio Urbano de Londrina**. 2007. 129f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

CEARÁ. **Decreto n° 26.805, de 25 de outubro de 2002**. Disponível em: <http://antigo.semace.ce.gov.br/biblioteca/legislacao/conteudo_legislacao.asp?cd=170>. Acesso em: 23 abr. 2014.

DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FAHEINA, R.C. Monólitos e serras do Ceará reconhecidos no exterior. **O POVO**, Fortaleza, 20 out. 2010. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/ceara/2010/10/20/noticiasjornalceara,2054492/monolitos-e-serras-do-ceara-reconhecidos-no-exterior.shtml>> Acesso em: 23 abr. 2014.

FONTES, L. **ABC de Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FORTALEZA. Decreto n° 11.965, de 11 de janeiro de 2006. Dispõe sobre o Tombamento Histórico e Cultural da Casa de Rachel de Queiroz, na forma que indica. **Diário Oficial do Município**, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 11 jan. 2006, p. 8.

_____. Decreto n° 12.582, de 15 de outubro de 2009. Dispõe sobre o Tombamento definitivo, Histórico e Cultural da Casa da Raquel de Queiroz, na forma que indica. **Diário Oficial do Município**, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 15 out. 2009. Ano LVII, Número 14.170, p. 1.

GUERRA, A.T. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 2ªed. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Portaria n° 37-N, de 16 de abril de 1999**. Disponível em: <http://sistemas.icmbio.gov.br/site_media/portarias/2010/05/12/CE_RPPN_fAZENDA_%C3%91_ME_Deixes.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 4ª Superintendência Regional (CE/RN). **Estudo para Tombamento Federal do Conjunto de Inselbergs de Quixadá – CE**. Fortaleza: IPHAN, 2001.

MONTENEGRO, T. Assim nasce uma escritora. **Letra: O POVO – Especial 100 anos Rachel de Queiroz**, Fortaleza, p. 44-45, 2010.

OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 03-16, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Instrução de Tombamento Municipal da Casa de Rachel de Queiroz**. Fortaleza, 2007.

_____. **Processo de Tombamento n°17**: Casa Rachel de Queiroz – Parecer. Fortaleza, 2009.

QUEIROZ, R. Terra no sangue. In: _____. **As terras ásperas**. São Paulo: Siciliano, p. 19-20, 1993a.

_____. Um Parque Nacional dos Serrotes do Quixadá. In: QUEIROZ, Rachel de. **As terras ásperas**. São Paulo: Siciliano, p. 192-193, 1993b.

_____. Pici. In: QUEIROZ, Rachel de. **O homem e o tempo**. São Paulo: Siciliano, p. 75-76, 1995a.

_____. Os passarinhos. In: QUEIROZ, Rachel de. **O homem e o tempo**. São Paulo: Siciliano, p. 66-68, 1995b.

_____. Os pássaros. **O POVO**, Fortaleza, 30 set. 2000.

QUEIROZ, R.; QUEIROZ, M.L. **Tantos anos**. 3ª ed. São Paulo: Siciliano, 1998.

RELPH, E. As reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 17-32, 2012.

TUAN, Y.F. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. L.O. (Trad.). Londrina: Eduel, 2013.